

## **A Representação Feminina no Cinema Através do Arquétipo *Manic Pixie Dream Girl*<sup>1</sup>**

Nathália DUTRA<sup>2</sup>

Vivian HERZOG<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

### **RESUMO**

Esta pesquisa concentra-se em discutir problemas da representação feminina no cinema através do arquétipo *Manic Pixie Dream Girl*, termo criado pelo jornalista Nathan Rabin em 2007, em uma crítica ao filme Tudo Acontece em *Elizabethtown* (2005). A discussão será abordada através da introdução do termo arquétipo, estudado a partir da visão do psicólogo Carl Jung, relacionando este conceito ao da *Manic Pixie Dream Girl*, o qual será problematizado. O texto propõe a análise dos filmes *Almost Famous* (2000) e *Ruby Sparks, A Namorada Perfeita* (2012) como exemplificação dos termos abordados.

**PALAVRAS-CHAVE:** arquétipo; cinema; mulher; representatividade

### **TEXTO DO TRABALHO**

#### **1. Introdução**

O presente artigo parte de uma inquietação que tem movido as mulheres que atuam e pensam sobre o campo do cinema, originária principalmente da observação de que esta atuação ainda pode ser considerada minoria em relação aos homens. Embasando-se no cinema americano, de acordo com um estudo<sup>4</sup> da *New York Film Academy* há uma proporção aproximada de uma mulher trabalhando com cinema para cada cinco homens. Esses dados

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Cinema e Audiovisual da UFPel, email: [ngotardo@live.com](mailto:ngotardo@live.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Cinema e Audiovisual da UFPel, email: [vivianherzog@gmail.com](mailto:vivianherzog@gmail.com)

<sup>4</sup> O estudo da NYFA pode ser consultado em <https://www.nyfa.edu/film-school-blog/gender-inequality-in-film/>

refletem diretamente na representação escassa da mulher dentro do cinema, uma arte que desde sua criação é construída, em sua maioria, por homens.

O mesmo estudo da NYFA mostrou que nos quinhentos filmes com a maior bilheteria entre 2007 até 2012, somente 30% dos personagens com falas eram mulheres e 10% dos filmes eram iguais no número de personagens femininos e masculinos.

Entre as poucas personagens femininas, diversas ainda são mal representadas, assim como outras minorias, muitas vezes através de arquétipos e clichês, como o arquétipo que será discutido neste artigo, a *Manic Pixie Dream Girl*, termo criado pelo crítico Nathan Rabin<sup>5</sup>. Entre muitas características, este arquétipo sugere que a personagem feminina existe para inspiração de personagens masculinos solitários e para fazê-lo evoluir na história, enquanto ela permanece rasa e sem mudanças.

## 2. Inconsciente coletivo e arquétipos

A definição de arquétipos como se conhece hoje, surge dentro da psicologia através de Carl Jung<sup>6</sup>. Os arquétipos segundo Jung (1976) são como imagens primordiais, primitivas e repetitivas dentro do que ele chama de inconsciente coletivo.

O psicanalista Sigmund Freud trata o inconsciente como pessoal, onde este consiste em lembranças e conteúdos esquecidos e reprimidos. Jung (1976, p. 15) defende que uma camada relativamente profunda do inconsciente é individual, denominado por ele como inconsciente pessoal, porém este está sob uma camada mais profunda, que seria o inconsciente coletivo. O inconsciente coletivo define-se como um inconsciente semelhante para todos os seres humanos, que se desenvolve de maneira hereditária.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de

---

<sup>5</sup> Nathan Rabin é um escritor e crítico de cinema e música americano, escritor principal do website de cultura pop *The A.V. Club*.

<sup>6</sup> Carl Gustav Jung foi um psiquiatra e psicanalista suíço, conhecido por ser o fundador da psicologia analítica.

complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. (JUNG, 1976, p. 53)

A partir do conceito de inconsciente coletivo, Jung (1976, p.53) explica o conceito de arquétipo como elaborações visuais da psique que estão presentes em diversos lugares, recorrentemente. Ele trata os arquétipos (1976, p.90) como imagens primordiais na psique, uma pré-formação consciente de uma ideia inconsciente por meio de uma figura. São, resumidamente, ideias pré-moldadas de personalidades.

Estas ideias estão intrínsecas em contos mitológicos e em conto de fadas, estando presente no indivíduo desde a infância.

Um exemplo de Arquétipo seria o "Mito do Herói" ou a "Jornada do Herói", que é recorrente tanto na mitologia quanto na cultura moderna

Na luta travada pelo homem primitivo para alcançar a consciência, este conflito se exprime pela disputa entre o herói arquetípico e os poderes cósmicos do mal, personificado por dragões e outros monstros. No decorrer do desenvolvimento da consciência individual, a figura do herói é o meio simbólico através do qual o ego emergente vence a inércia do inconsciente, liberando o homem amadurecido do desejo regressivo de uma volta ao estado de bem-aventurança da infância, em um mundo dominado por sua mãe. (Henderson, p. 118, 1977)

### **3. O arquétipo da *Manic Pixie Dream Girl***

#### **3.1. Definição do termo *Manic Pixie Dream Girl***

O arquétipo da *Manic Pixie Dream Girl*, abreviado como MPDG pode ser observado nas mais diversas formas de narrativas, tanto na literatura<sup>7</sup>, quanto dentro do cinema, em filmes antigos e contemporâneos.

Apesar de existir em narrativas de séculos passados, esse padrão foi identificado e nomeado pelo crítico Nathan Rabin em 2007 em uma crítica de Tudo Acontece em *Elizabethtown* (2005), veiculada no website de cultura pop The AV Club. Neste filme, Kristen Dunst interpreta Claire, uma aeromoça que insiste em conversar com Drew (Orlando Bloom), personagem deprimido com o falecimento do pai e seu projeto de empreendimento ter fracassado. Ao decorrer do filme, Claire procura animá-lo, ouvi-lo e distraí-lo.

Rabin define nesta crítica a personagem de Dunst como “aquela efervescente e rasa criatura cinematográfica que existe unicamente nas imaginações febris de escritores/diretores

---

<sup>7</sup> Pode-se identificá-la principalmente no Romantismo como movimento literário, através do esteriótipo da mulher romântica e a frequente idealização da mulher.

sensíveis a fim de ensinar jovens homens sentimentais depressivos a abraçar a vida e seus infinitos mistérios e aventuras" (RABIN, 2007)<sup>8</sup> e a nomeia de *Manic Pixie Dream Girl*.

A MPDG é, basicamente, uma personagem feminina, plana, rasa, sem *background story*<sup>9</sup>, definida como meiga, feliz, divertida, infantil, espontânea, peculiar, nunca tem grandes conflitos, com poucos e superficiais defeitos, sem trabalho ou família presente na narrativa. Seu papel na história é ser um acessório ao personagem principal masculino que é caucasiano, de classe média, inseguro, infeliz, deprimido e introvertido. Ela tem a função de mostrar o mundo a este personagem, o fazer viver grandes aventuras e tirá-lo da estagnação e da depressão, enquanto ela mesma segue plana durante toda a história.

O arquétipo funciona como um mero evento funcional para tornar o personagem masculino socialmente ativo outra vez, fazendo seu papel em torná-los grandes e estáveis homens para que possam assumir seu papel na sociedade. Elas o consertam para que eles consertem o mundo. Seu objetivo é unicamente desenvolvê-lo, enquanto seus próprios conflitos são superficiais, sua personalidade é definida somente por excentricidades. Pouco concreta, ela não tem nenhum crescimento emocional durante a história, e se tem, não é retratado.

### **3.2. A problematização da *Manic Pixie Dream Girl* no filme *Quase Famosos***

Os conceitos de arquétipo e Manic Pixie Dream Girl neste momento são cruzados para problematizar a naturalização das construções de personagens mulheres apresentadas como elementos acessórios ao desenvolvimento dos objetivos dos personagens homens exemplificados por Nathan Rabin (2007) no filme *Tudo Acontece em Elizabethtown* (2005). A falta de representação de personagens mulheres densas com objetivos próprios, conflitos e identidades tomadas em sua complexidade parece corroborar na elaboração de conceituações em que homens se vêem como personagens principais, tendo mulheres como secundárias e objetos de que os levariam à ascensão. Como consequência, as personagens mulheres se colocam num papel de dependência masculina, como figuras secundárias que tem como função fazer um homem próspero e feliz.

---

<sup>8</sup> Nathan Rabin, *The A.V Club* <<http://www.avclub.com/article/the-bataan-death-march-of-whimsy-case-file-1-emeli-15577>> (Acessado em 15 de abril, 2016)

<sup>9</sup> *Background Story* é a história prévia da personagem, ocorrida antes do tempo diegético da narrativa.

A mulher, desta forma, existe na cultura patriarcal como o significante do outro masculino, presa por uma ordem simbólica na qual o homem pode externizar suas fantasias e obsessões através do comando linguístico, impondo-as sobre a imagem silenciosa da mulher, ainda presa a seu lugar como portadora de significado e não produtora de significado. (MULVEY, 1977, s/p.).

A MPDG é uma personagem construído dentro de uma sociedade patriarcal que vê a mulher apenas como um suporte, uma companheira, dependente e submissa ao homem. A superficialidade representada na mídia, faz com que meninas cresçam se vendo como pessoas onde os próprios sentimentos e vontades não se importam, mas sim os desejos alheios. O papel feminino no cinema deve ter uma funcionalidade maior além de servir como um evento na vida de homens.

Fornecer provas adicionais à ideia de que o cinema, sobre o disfarce de uma “máquina” que meramente obedece a leis científicas, realmente tem efeitos ideológicos devido à forma real em que é concebido. Estes efeitos gravitam ao redor de dois fenômenos: o ocultamento do trabalho que converte a realidade dentro da representação cinematográfica e a construção de um sujeito transcendental que serve como um apoio à audiência. (CASSETI, 1999, p. 194)

O arquétipo da Manic Pixie Dream Girl é prejudicial inclusive para homens, pois ensina a meninos inseguros que eles dependem de uma mulher para mostrar coisas boas do mundo e que eles não podem atingir a felicidade sozinhos.

*Almost Famous* (é um filme roadmovie de 2000, dirigido e roteirizado por Cameron Crowe. A narrativa conta a história de William, um jovem jornalista e crítico de rock que embarca em uma turnê com a banda fictícia *Stillwaters*. William, durante a viagem, tem que fazer uma resenha sobre a turnê, incluindo entrevistas com os membros da banda. Ao decorrer da jornada se apaixona por uma fã da banda, apelidada de Penny Lane, que acompanha a viagem ao lado do guitarrista, Russel. Penny Lane é apaixonada por Russel, que ao fim da viagem a cede para outro grupo musical em troca de cerveja, para encontrar outra mulher em Nova York. William manda o artigo para a revista escreve com suas vivências ao decorrer da turnê e Russel, por sua vez, desmente tudo para preservar a própria imagem. Penny Lane prepara uma situação para que Russel encontre William para pedir desculpas e Russel confirma os relatos do artigo. A banda segue viajando, Penny vai seguir seus planos de futuro e William segue com a família, tendo seu artigo publicado.

William é o típico personagem que vem a se relacionar com o arquétipo da *Manic Pixie Dream Girl*. É branco, heterossexual, jovem, tem quinze anos e aspira uma carreira de jornalista musical. Cresceu sofrendo repressões pela mãe controladora e metódica e por ser dois anos mais novo que os colegas de escola, tendo que aturar constantes piadas sobre a idade. É quieto, solitário, excluído e tem uma relação ruim com a família. Ao tentar entrar nos bastidores de um show para entrevistar a banda, acaba conhecendo Penny Lane. Ao decorrer da história, diversos eventos seguem ocorrendo com William que ocasionam numa evolução da personagem. Ele viaja, se apaixona, vive uma experiência nova dentro dos bastidores, festas, shows e eventos do rock. Conhece novas pessoas, tem seu artigo publicado, salva Penny Lane de uma overdose e resolve todos seus problemas.

Penny Lane, por sua vez, é uma *Manic Pixie Dream Girl*. Ela é rasa e plana. Seu nome, falso, fazendo referência ao rock inglês<sup>10</sup>, já a introduz com um mistério típico do arquétipo na personagem. Em sua primeira aparição, Penny chama atenção pelo jeito excêntrico de se vestir e de falar, parecendo visivelmente mais velha, mais madura e segura ao lado do personagem principal. Na cena em que é introduzida, ela já explica para William sua função dentro do filme: ser um suporte e uma inspiração para as bandas que acompanha em viagens. William fala para uma das amigas de Penny que não é uma *groupie*<sup>11</sup>, ela, então explica que sua função não é manter relações sexuais com membros de bandas, mas sim, nas palavras da personagem "[...] apoiar a música, inspirar a música. Nós estamos aqui por causa da música". Entretanto, revela que está se aposentando, sugerindo que seguir bandas em viagens seria sua profissão. Esta passagem do filme reflete uma característica da *Manic Pixie Dream Girl* de servir de inspiração para personagens masculinos.

Inicialmente, é sempre Penny que parece tentar comunicação com William, que demonstra ter personalidade tímida e introvertida. Ela parece levemente interessada nele, ao mesmo tempo que está mantendo uma espécie de relacionamento com Russel, o guitarrista da banda. A personagem o leva para a primeira festa, o introduz a figuras importantes do cenário musical e inserindo-o, mesmo que brevemente, neste meio, consegue com que ele vá viajar

---

<sup>10</sup> *Penny Lane* é uma música da banda britânica The Beatles lançada em 1967

<sup>11</sup> Segundo o dicionário de Oxford, *groupie* se define como “Uma pessoa, especialmente uma mulher jovem, que segue regularmente um grupo popular de música ou outra celebridade com esperança de encontrá-los ou conhecê-los”. De acordo com a Continuum encyclopedia of popular music of the world, *groupie* é definido uma pessoa que busca intimidade emocional e/ou sexual com um músico.

em turnê com os membros da banda. Penny o convida para planos futuros, oferece ajuda a todo momento que ele necessitasse, mesmo pouco o conhecendo.

Ela sempre se mostra feliz, sorrindo na esmagadora maioria de cenas, até mesmo enquanto escuta gritos indignados de protesto de William. É definida diversas vezes pelos demais personagens do filme como uma pessoa que traz alegria aos bastidores, transforma quartos de hotéis em lares. Em uma conversa com Russel, Penny o define como "bonito e talentoso", enquanto ele diz que caso ela realmente se aposentasse da "profissão" de fã, o rock sentiria falta de Penny Lane sabendo de cor as letras de cada música. Este diálogo reforça a função de Penny dentro do arquétipo de estar ali para admirar e inspirar a produção de homens.

Observa-se comportamentos típicos da *Manic Pixie Dream Girl* em Penny Lane recorrentemente, a começar por manter mistérios sobre o passado, falar frases com sentido raso e divertido no meio de assuntos sérios, estar sempre falante, sorrindo e mostrando se divertir com cenas cotidianas inclusive em momentos de maior tensão. Há, por volta do segundo ato do filme, uma cena onde os membros da banda têm problemas com o empresário e estão tendo uma conversa séria. A cena seguinte mostra apenas Penny Lane dançando em um salão vazio com uma flor na mão, sem qualquer contexto. Enquanto homens tentam resolver assuntos profissionais, Penny Lane dança despreocupada.

O único momento em que é criado um conflito para Penny Lane, é durante o terceiro ato do filme. Russel, por quem ela é apaixonada, faz um escambo com outra banda onde ele cederia sua fã para esta banda em troca de cerveja. Ele, então, segue para Nova York, para encontrar-se com a noiva. William explica para Penny o que aconteceu, tentando impedi-la de ir para a cidade, e briga, grita e se altera, enquanto a personagem sorri com os olhos cheio de lágrimas e segue seu plano inicial. Ao ser ignorada por Russel, ela se droga como resolução dos problemas, o que com uma análise mais atenta do evento soa apenas um motivo para que o personagem principal a salvasse de uma overdose, que é o único momento que temos uma breve noção de seu passado e alguns problemas que parecem deixados de lado.

Ao desfecho do filme, ela volta para casa, ajuda William e Russel resolverem problemas e de fato abandona a vida de acompanhar bandas, porém sem grandes mudanças em sua própria trajetória. Ela sai da vida das personagens, pois sua função como *Manic Pixie Dream Girl* já foi cumprida ao resolver e desenvolver a trama individual dos personagens

masculinos, enquanto ela continua sendo a exata mesma pessoa que era antes. Apesar de ter passado por uma *roadtrip* com uma banda de rock, por discussões com seu interesse romântico (Russel) e uma quase-overdose, Penny Lane permanece uma personagem plana, ou seja, não modifica-se ao decorrer da narrativa. Por outro lado, tanto Russel quanto William, tiveram mudanças significativas em suas trajetórias.

### **3.3. A desconstrução da *Manic Pixie Dream Girl* em *Ruby Sparks***

*Ruby Sparks* é um filme de 2012, co-dirigido por Jonathan Dayton e Valerie Faris, estrelado e roteirizado por Zoe Kazan. O filme e Zoe foram citados por Nathan Rabin em um artigo veiculado no website Salon<sup>12</sup> em que o crítico pedia desculpas pela criação do termo. No artigo, Rabin menciona que Zoe definiu o arquétipo como “basicamente, misógino” e em seu roteiro para *Ruby Sparks*, ela desconstrói e critica o arquétipo.

O filme se inicia já em seu primeiro plano com uma imagem de uma menina endeusada por uma luz amarelada, que o espectador descobre ser um sonho do personagem principal, Calvin. Um escritor jovem branco, de classe média, solitário, heterossexual, depressivo, frustrado consigo mesmo e passando por um bloqueio criativo enquanto sofre pressões para que escreva seu segundo *best-seller*. Calvin cria a personagem e a nomeia *Ruby Sparks* para uma tarefa proposta pelo psicólogo e escreve como seria o encontro dos dois. *Ruby* falaria com ele por causa do cachorro, puxaria assunto e os dois desenvolveriam um romance. Calvin se empolga e começa a desenvolver a história e a personagem, completamente dentro dos padrões da *Manic Pixie Dream Girl*, meiga, infantil, divertida, alegre, atrapalhada e distraída.

A crítica ao uso recorrente do arquétipo começa na cena em que Calvin mostra o romance para o irmão, que o desaprova, explicando que este tipo de mulher não existe e questiona se o irmão conhecia alguma mulher com aquelas características. O irmão de Calvin ressalta que ele tinha simplesmente inventado uma garota, não uma pessoa. Apesar das críticas, Calvin segue escrevendo e a idealizando, até que a personagem de *Ruby Sparks* surge na realidade de Calvin, exatamente do jeito que fora idealizada e pode ser modificada através da escrita.

Através de diálogos propositalmente clichês característicos de roteiros com o arquétipo presente e de maneira escrachada, Zoe consegue criticar a MPDG, apresentando-a

---

<sup>12</sup> Nathan Rabin, *Salon*. <[http://www.salon.com/2014/07/15/im\\_sorry\\_for\\_coining\\_the\\_phrase\\_manic\\_pixie\\_dream\\_girl/](http://www.salon.com/2014/07/15/im_sorry_for_coining_the_phrase_manic_pixie_dream_girl/)>  
Acessado em 18 de Abril/2016



somente como um reflexo das vontades do seu par romântico. Inicialmente, o relacionamento dos dois é estável, Ruby diverte Calvin e ameniza sua depressão, levando-o para sair e conhecer novas pessoas, cuida da casa, faz declarações e tem sua existência funcional para melhorar a vida do seu próprio autor. É o exato retrato da "efervescente e rasa criatura cinematográfica que existe unicamente nas imaginações febris de escritores/diretores sensíveis a fim de ensinar jovens homens sentimentais depressivos a abraçar a vida e seus infinitos mistérios e aventuras" descrita por Rabin na crítica<sup>13</sup> de Tudo Acontece em *Elizabethtown*. Ela torna-se um simples acessório à vida dele, estando presente, apoiando-o, entretanto raramente sai casa, sem criar suas próprias relações pessoais, vontades e perspectivas de futuro.

Ao momento em que Ruby começa a ter os próprios desejos, vontades, problemas e se tornar cada vez mais real, Calvin passa a editá-la com frequência, escrevendo cada vez mais sobre Ruby e seu humor e sentimentos, afinal, Ruby é a *Manic Pixie Dream Girl* de Calvin e este arquétipo não permite problemas, profundidade e um meio social a parte do personagem principal, que seria Calvin. Porém, a crítica do filme encontra-se em ao reescrevê-la com frequência, ela começa a tornar-se um caos. Suas idealizações começam a se distorcer, afinal, aquela mulher criada apenas para satisfazê-lo emocionalmente não é de existência plausível, criando problemas entre os dois.

O filme, em uma cena em sua parte final, consegue retratar de maneira metafórica a ideia deste arquétipo. Enquanto Calvin modifica Ruby escrevendo sobre ela em sua frente, ele a molda, obrigando-a a agir de certas maneiras. Em determinado momento, a faz falar as coisas que ama nele, que ficará sempre ao seu lado, chamá-lo de gênio. Esta cena de forma densa, marcada e sádica, resume o que seria função da *Manic Pixie Dream Girl* dentro uma narrativa: uma personagem feminina criada para enaltecer o ego masculino.

#### **4. Conclusão**

Os arquétipos estão presentes em nosso inconsciente coletivo e o arquétipo moderno da *Manic Pixie Dream Girl* repousa incrustado na mente humana com uma familiaridade geral de uma sociedade contemporânea ocidental, assim como em sua cultura.

---

<sup>13</sup> Nathan Rabin, *The A.V. Club*  
<<http://www.avclub.com/article/the-bataan-death-march-of-whimsy-case-file-1-emeli-15577>> (Acessado em 15 de abril, 2016)

O arquétipo é um problema por ser uma representação pobre de mulheres, por tratá-las como um acessório, um catalisador para o homem crescer como pessoa, resolver seus problemas. É somente um dos diversos arquétipos e estereótipos de representação de minorias existentes em abundância no cinema independente e comercial, e pode ser explicado pela falta de mulheres atuantes dentro da indústria cultural/cinematográfica.

Analisando Quase Famosos de Cameron Crowe, também autor e diretor de Tudo Acontece em *Elizabethtown*, filme cuja crítica nomeou o arquétipo, vemos que a MPDG é recorrente e de fácil identificação nos filmes de Crowe. Já em Ruby Sparks, ela também é facilmente reconhecível, mas ao fazer uso de redundâncias e a maneira como a narrativa é construída, torna-se uma crítica ao próprio arquétipo apresentado no filme. A comparação entre a estrutura e a construção dos personagens de ambos os roteiros, mostra claramente a diferença entre uma *Manic Pixie Dream Girl* acidental e uma feita em tom de denúncia.

## REFERÊNCIAS

- New York Film Academy, Gender Inequality in Film <<http://www.nyfa.edu/film-school-blog/gender-inequality-in-film/>> Acesso em Julho de 2015
- Literatortura, Manic Pixie Dream Girl e o Papel Feminino na Literatura <<http://literatortura.com/2014/09/manic-pixie-dream-girl-e-o-papel-feminino-na-literatura/>> Acesso em Julho de 2015
- TV Tropes, Manic Pixie Dream Girl <<http://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/ManicPixieDreamGirl>> Acesso em Julho de 2015
- Salon, I'm Sorry For Coining The Phrase Manic Pixie Dream Girl <[http://www.salon.com/2014/07/15/im\\_sorry\\_for\\_coining\\_the\\_phrase\\_manic\\_pixie\\_dream\\_girl/](http://www.salon.com/2014/07/15/im_sorry_for_coining_the_phrase_manic_pixie_dream_girl/)> Acesso em Julho de 2015
- AV Club, The Bataan Death March of Whimsy Case File #1: *Elizabethtown* <<http://www.avclub.com/article/the-bataan-death-march-of-whimsy-case-file-1-emeli-15577>> Acesso em Julho de 2015
- HENDERSON, J.L. In: O homem e seus símbolos/ Carl G. Jung e M. L. von Franz [et al] Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- MULVEY, Laura. "Visual Pleasure and Narrative Cinema." *Screen*, v. 16, n. 3, p. 6-27, Autumn 1975.
- CASSETI, Francesco. Teorias do Cinema: 1945-1995. Austin: University of Texas, 1999.
- TUDO Acontece Em Elizabethtown** (Elizabethtown). Direção: Cameron Crowe. EUA: Paramount Pictures, 2005. 123 min.
- QUASE Famosos** (Almost Famous). Direção: Cameron Crowe. EUA: Vynil Films, 2000. 122 min.

**RUBY Sparks, A Namorada Perfeita** (Ruby Sparks). Direção: Jonathan Dayton, Valerie Faris. EUA: Fox Searchlight, 2012. 104 min.